

"Além da História"

I - Antes da invenção da escrita : nós não estamos no meio da vida como os demais seres vivos. Isto podemos verificar pelo fato de que manipulamos o mundo ~~xxxxxxxestívaxxxxforxxx~~ de fora para dentro. Podemos, por exemplo, retirar uma pedra da ~~xxxx~~ mundo, colocá-la de lá para cá, virá-la de um lado para o outro a fim de entendê-la, e revirá-la a fim de usá-la contra o mundo do qual a háviamos reti_rado. Esses meandros acima descritos se chamam "trabalho", as viradas que aí aparecem chamamos de "inteligência", o resultado é a "obra" e o conjunto de todas as obras assim criadas e usadas pode ser denominado "Cultura". A pergunta que nos colocamos , a fim de ao mesmo tempo estar e não estar dentro do mundo, insistir e existir , precisa ficar em aberto. Pois todas as respostas que se oferecem, como por exemplo aquelas que operam com coisas do tipo espírito, alma ou o "eu", não funcionam.

A observação que acabamos de fazer sobre a criação de obras não é somente válida para a nossa espécie, mas também o é para todas as espécies do homem que nos precederam, e quanto mais de perto nós encararmos a coisa tanto mais milagrosa ela se torna. Um precursor do homem sentado aí, por exemplo, segura uma pedra com a mão direita, outra pedra na esquerda, e bate a da direita na da esquerda até sair uma faísca. Deixemos de lado as duas metadas do cérebro que dirigem esse movimento complexo: a mão esquerda parece saber como é a sua pedra, e a direita, como a pedra na mão esquerda deve ser pontuda). Trabalhar trata-se exatamente de um gesto, que procura manipular o que existe para que se torne como deve ser. Trata-se de uma ^{valorização} qualifi_ cação do real e de uma realização de valores. E isto ocorre provavel_ mente há dois milhões de anos: cada vez mais valores vão se tornando reais pelos precursores ainda simiescos do homem. E sempre tecnicamente mais perfeitos. Primeiro as pedras que se batem uma contra a outra são maciças e desageitadas em relação à ponta, depois elas se tornam cada vez mais leves e elegantes. Depois ocorre a primeira grande revolução técnica: joga-se a pedra batida fora e utiliza-se, em seu lugar, as lascas obtidas com as batidas. Tais facas afiadas, serras, flechas e pontas de flechas são então resultado de uma virada (revira_

volta) absolutamente incompreensível do interesse ~~no~~ ^{no} material pelo ~~lixo~~ interesse no lixo.

E depois, cerca de 40.000 anos atrás, somos nós que entramos em cena. Isto se nota através dos desenhos nas cavernas. Nós somos gente que sabe recuar da atividade de criação para conseguir uma visão de conjunto, uma Weltanschauung. Para onde recuamos é tão miraculoso quanto existirmos. Digamos simplesmente: nós somos capazes de recuar a fim de de lá olhar. De lá, já não mais podemos segurar o mundo, porque os nossos braços são demasiado curtos para isso; o mundo passa a não mais ser manifesto, ao alcance da mão, mas sim visível, aparente. Em compensação, ela se torna objeto de uma visão de conjunto. Estas visões de conjunto obtidas desta forma são subjetivas e fugazes. São imaginações. Mas elas podem ser intersubjetivizadas, simbolizadas, de_ codificadas por outros. E elas podem ser fixadas, ^{guardadas} mantidas contra as paredes de cavernas, através de cores da terra. Os desenhos das cavernas são tabelas de orientação para as (Herstellungen).

Imagens são os intermediários entre nós e o mundo das coisas a serem colocadas. Elas apresentam (representam) essas coisas, mas ao mesmo tempo elas também se colocam diante dessas coisas. Isto se denomina "inter_ dialética de todas as mediações". Mas também sem tais nobres floreios fica evidente que essas imagens podem ser perigosas. Elas são feitas para que nós nelas nos orientemos no mundo, mas isso pode dar uma revir_ ravolta. Pode acontecer que as pessoas se orientem no mundo em imagens, que elas considerem as imagens como verdadeiras e o mundo como imaginação. Tal reviravolta da função de imagens se chama "idolatria", e sua conse_ quência é a reviravolta do gesto de trabalhar em "magia". Nós agimos em função de imagens. A maior parte de nós ainda age assim a maior parte do tempo (batendo na madeira, por ex., ou cuspiendo três vezes ao vermos freiras), mas alguns entre nós também agem , por vezes, de forma diferente. E isso ocorre devido à seguinte invenção:

II. Invenção da escrita linear: imagens reviradas são opacas, porque elas esdondem aquilo que representam. Isto tem conserto. A gente arranca os elementos individuais da imagen

O gesto arranca os isolados elementos de imagens (pixels) da superfície e alinha os elementos uns aos outros. O arrancar pode chamar "contar", o alinhar "narrar" e os pixels juntados um ao outro podem ser chamados "Pictogramas". Os tais imagens despedaçadas podem ser (ou ser consideradas) como "contadas", narradas, descritas, explicadas e os pictogramas, alinhados um ao outro podem passar por textos, portanto como descrições e esclarecimentos de imagens.

De que maneira conseguiu-lo é bem visível nas placas de argila mesopotâmicas de aproximadamente 5000 anos de idade. Trata-se de uma radical revolução técnica.

Os homens começaram a escrever para explicar imagens e de escapar à magia. O resultado foi algo inesperado. A visão sobre o mundo e sobre os mesmos mudou. Olhando imagens os olhos ficam bem próxima da superfície. Porque a imagem indica factos, coisas e os olhos tem que descobrir tais relações. Melhor: a imagem sincroniza uma informação e o olhar a diacroniza. É por isso que um olhar acostumado à imagens enxerga em tudo relações de factos: tudo é ligado à relações reversíveis e o tempo gira em eterna repetição (precisamente como o olho). Isso é a visão mágica do mundo. Observando textos o olho segue a linha, Melhor: o texto diacroniza uma informação, e o olhar tem que sincronizá-la. Por isso o olhar não enxerga factos ~~ps~~, mas processos. O olhar habituado à textos enxerga em toda parte um processo, tudo ocorre para ele num tempo inesquecível, do passado em direcção do futuro, sem se deter no presente. Nada se repete e toda e cada oportunidade de perdê-la é prejuízo definitivo. Resumindo: para o olhar de imagens nada acontece e nada ^{se passar} pode acontecer e para o olhar de textos tudo se passa e nada pode acontecer. Com a invenção de textos começa a história, porque antes tudo acontecia e nada se passava. Com a escrita foi descoberta a história.

III. A descoberta do alfabeto. Durante milénios os pictogramas se refinaram. Por exemplo pequenas peças da escrita não significam mais pequenas partes, mas concitos e palavras. E há aproximadamente 3.500 anos foi feita a seguinte proposta por algumas pessoas, na parte este do Mediterrâneo (possivelmente em Ugarit): a partir de agora haverá sinais que não significam palavras, mas o nome daquelas palavras. O sinal para a Torre (em semítico "aleph") deverá a partir de agora o nome semítico "a" e o sinal para casa (em semítico "bet") o nome "b". A proposta mencionou transcodificar todas as línguas semíticas, hamíticas e indoeuropeias do auditivo para a visão. É a proposta foi aceita. Um dos resultados é a civilização ocidental com sua filosofia, ciência e técnica.

